

CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS PSICOLÓGICAS DO DIVÓRCIO EM PARCEIROS CASADOS A MENOS DE UM ANO.

Francislina de Jesus Soares Colombo (MSc.)¹

(Estudo de caso no bairro Avó Kumbi, Subzona1)

Luanda – Angola.

RESUMO

O processo de separação ou divórcio pode desencadear em todos ou parte dos membros da família dificuldades como sendo adaptação à nova forma de vida. Sendo a ruptura familiar nem sempre bem aceite pelas crianças, pode gerar algum desajustamento psicológico e emocional nas mesmas. O objectivo deste estudo consistiu em compreender as causas e consequências psicológicas do divórcio em parceiros casados a menos de um ano. Os objectivos específicos foram identificar as causas e consequências psicológicas que leva a separação, descrever os sintomas primários imediatamente após a separação conjugal, informar os sinais mais frequentes aos membros envolvidos na separação. Para o efeito, utilizou-se uma metodologia mista quanti-qualitativa. Participaram neste estudo 41 casais que corresponde 82% da amostra, com idades compreendidas entre os 18 a 46 em diante, em parceiros casados a menos de um ano, de modo a perceber as repercussões deste acontecimento de vida. No que respeita ao nível socioeconómico da amostra total, a maior percentagem situa-se no nível primário (33,3%). Os instrumentos utilizados para a recolha de dados foram a entrevista semiestruturada. Os resultados, apesar de não se ter obtido diferenças estatisticamente significativas, sugerem que o processo de divórcio é vivenciado com algum desajustamento por parte dos casais, principalmente nos meses consequentes, podendo em alguns casos estender-se por mais tempo. As principais repercussões, mais diferenciadas, são ao nível do isolamento, ansiedade, depressão, problemas sociais, problemas de atenção. Um elevado número de indivíduos refere o período imediatamente a seguir à notícia de divórcio como sendo difícil de ultrapassar, causando sentimentos de tristeza e incerteza face ao futuro das suas vidas.

Palavras-chave: *Causas, consequências psicológicas, divórcio, parceiros casados.*

¹ Mestre em Ciências da Educação – Coordenadora do Curso de Psicologia pelo Instituto Superior Politécnico Tocoísta.

ABSTRACT

Presently, we assist a multiplicity of family structures, being more frequent the divorce process. The separation process or divorce can proceed all or part family members, difficulties as being accepted to the new way of life. Being the Family ruptures either well accepted by the children, it can provoke psychological maladjustment and emotional in the same way. The objective of this research consisted to understand the causes and psychological consequences of divorce in first married couples less than a year. The specific objective is to identify the causes and psychological consequences that provoke separation, to describe primary symptoms immediately after the marital separation, to inform more frequented signs to the involved members in separation. For the purpose, it was used quantitative methodology. It was also applied a qualitative research with using a semi – structured interview together with sample in married couple partners less than a year, in order to understand the repercussions this life event. Participated in this research 41 couples in which correspond 82 of sample, with corresponded between 18 to 46 until advance. Regarding in the level of socio- economic aspects of the total sample, the majority percentage is situated at primary school (33,3%). The used instruments for collect of dates were semi.- structured interview about divorce. The results, despite not had been significant statistical differences, we suggest that the divorce process is experienced with some maladjustment in part of couples mainly in the consequent months, it can be under stable in some cases to extend for more time. The principle repercussions, more experienced, are to isolation level. Anxiety, depression, social problem, attention problem. The high individual numbers refers to the period immediately to suggest to the divorce News as being difficult to overpass, causing sad felling and unsure face to the future of their lives.

Keyword: *Causes, psychological consequences, divorce, married partners.*

INTRODUÇÃO

Uma separação traz consequências psicológicas graves para todos os envolvidos especialmente para os parceiros que não se encontram psicologicamente preparados para assumir a vida a sós. Depressão, agressividade, estresse e até o suicídio podem ser reações frequentes diante de um estímulo ou situação especial de tensão ou de intensa emoção, que pode ocorrer em qualquer pessoa, independentemente da idade, raça, sexo e situação socioeconômica (Lipp, 1991).

Segundo LIPP (1991), são considerados como possíveis efeitos psicológicos de um divórcio, a ansiedade, o terror noturno, os pesadelos, as dificuldades de relação interpessoal, a introversão repentina, o desânimo, a insegurança, a agressividade, o choro excessivo, a angústia, a depressão, a hipersensibilidade, a birra e o medo excessivo. E as reações físicas observadas em uma maior frequência são dores na região abdominal, diarreia, tique nervoso, dor de cabeça, náusea, dificuldade para respirar, gaguez, tensão muscular, bruxismo, distúrbios do apetite e hiperatividade. O divórcio é um evento que pode ter profundas implicações emocionais e psicológicas tanto para adultos quanto para crianças suas causas podem ser como: mudanças nos padrões sociais e culturais, a independência financeira crescente das mulheres, a busca por satisfação pessoal e a diminuição do estigma social em torno do divórcio têm influenciado as relações matrimoniais.

Essas mudanças podem levar a uma maior flexibilidade na decisão de se separar, conflitos constantes como brigas frequentes, falta de intimidade e infidelidade podem corroer o relacionamento, a desigualdade entre casal. Quando um parceiro carrega toda a responsabilidade da família sem colaboração do outro, dificuldades financeiras, discussões sobre dinheiro e questões financeiras podem criar tensões no casamento. É importante lembrar que cada caso é único, e o apoio emocional e profissional é fundamental durante esse período desafiador. Buscar ajuda terapêutica pode auxiliar na adaptação a essa nova realidade e na construção de um futuro mais saudável.

Descrição do problema

Os efeitos psicológicos da separação se traduzem de maneira instantânea nos parceiros e filhos como um grande acontecimento pós-traumático. Para o filho sobre tudo na adolescência, o divórcio é percebido como ruptura, abandono, traição e desamparo independentemente da qual pode ser o progenitor causante, o motivo, ou standard'' econômico posterior ao mesmo. Sendo assim, muitas mulheres e homens sentem-se sobrecarregados, visto que a divisão de papéis não sucede na prática, colaborando para que ela se veja sozinha nas funções diárias. Esta nova condição em que a família uniparental enfrenta, une-se a outros factores sociais, físicos, fisiológicos, económicos ou ambientais causantes de estresse disparando a instabilidade emocional das famílias e por consequência dos filhos.

Neste sentido, é fundamental deixar a seguinte questão: **Quais são as causas e consequências psicológicas do divórcio em parceiros casados a menos de um ano no Bairro avó Kumbi, Subzona1?**

Objectivos do estudo

Objectivo Geral:

- ✓ Compreender as causas e consequências psicológicas do divórcio em parceiros casados a menos de um ano no Bairro avó Kumbi, Subzona1

Objectivos específicos:

- ✓ Identificar as causas e consequências psicológicas que leva a separação;
- ✓ Descrever os sintomas primários imediatamente após a separação conjugal;
- ✓ Informar os sinais mais frequentes aos membros envolvidos na separação

Justificativa

A importância da união dos pais para o desenvolvimento da família é essencial, mesmo que os pais estejam separados, pensar na educação dos filhos, oferecer protecção, carinho é de suma importância para o adolescente, e seu desenvolvimento afectivo e cognitivo, e por tanto todas acções levadas neste sentido potenciaram um equilíbrio na personalidade.

Hipóteses

H1 – O divórcio pode levar a sentimentos de tristeza, raiva, ansiedade, depressão e solidão.

Neste estudo, achamos por bem definirmos as palavras-chave que compõem o nosso estudo, tais como: implicações, indisciplina, escola, gestão e aluno. Basearemos também em autores que deram contributo em relação ao assunto em estudo.

Divórcio

Divórcio: segundo autor Andrade, 2010, o divórcio é tratado nas diferentes regiões de Angola, com ênfase nos aspectos culturais, sociais e legais, e como as mudanças sociais influenciam a percepção do divórcio nas novas gerações.

Para Nogueira, 2020 analisa o direito familiar angolano, abordando as práticas culturais em torno do casamento e divórcio. A autora expõe como o divórcio é visto sob a ótica legal e social, especialmente nas zonas urbanas versus rurais.

Tipos de Divórcio

Os possíveis tipos de divórcio dependem em grande parte do que está contemplado nas leis nacionais, portanto, não há uma categorização universal a esse respeito. No entanto, na maioria dos sistemas jurídicos em que o divórcio está presente, é feita uma distinção entre:

- *Divórcio voluntário:* quando se trata de uma situação de consentimento mútuo, em que ambos os cônjuges decidem terminar o casamento.
- *Divórcio necessário:* quando houver condições que permitam ao Estado pôr termo ao casamento, mesmo que um dos cônjuges não concorde.
- *O divórcio sem causa:* popularmente conhecido como “divórcio expresso”, é aquele que não requer causas específicas, nem o consentimento mútuo dos cônjuges, para dissolver o vínculo matrimonial. (Karl, 2000)

Evolução Histórica do Divórcio

O divórcio é uma acção legal entre duas pessoas casadas por forma a pôr fim à sua relação. O divórcio é definido como um período de crise durante o qual uma família nuclear se desintegra (Henning & Oldham, 1977). Como resultado do divórcio, um dos pais sai de casa, tipicamente o pai. As atitudes face ao divórcio têm vindo a mudar ao longo dos tempos, e com elas o estigma associado tanto aos adultos divorciados como às crianças de pais divorciados também. Durante os anos 50 e 70, o divórcio era um fenómeno raríssimo e baseado na culpa (Brown, 2009). Nesta altura as pessoas divorciadas carregavam um estigma e havia a crença de que as crianças de pais divorciados tinham alta prevalência em ter problemas escolares, delinquir e até desenvolver distúrbios psicológicos (Brown, 2009). A partir da década de 70, a

atitude face ao divórcio e, conseqüentemente, face às crianças de pais divorciados, começou a mudar, e, portanto, a ser mais comum e aceite pela sociedade (Jolivet, 2011). O que era anteriormente tabu passou a ser aceite pelas sociedades, e encarado como uma segunda oportunidade para as pessoas serem felizes (Brown, 2009; Jolivet, 2011). O divórcio tem sido abordado ao longo dos tempos em diversas áreas, sendo o seu foco inicial no impacto na sociedade, e no seu estigma inicialmente associado. Estudos sobre este factor social sempre se focaram essencialmente nas conseqüências que este tem nos indivíduos que experienciam este momento em suas vidas, e conseqüentemente, nas conseqüências que o mesmo tem em outros indivíduos que estão envolvidos, embora indirectamente, em particular, os filhos. Ao nível das conseqüências nos filhos de pais divorciados vários estudos se têm focado nos efeitos ao nível do ajustamento psicológico (Amato & Keith, 1991, Amato, 2001, Portnoy, 2008), ajustamento social (Amato & Keith, 1991), sintomas depressivos e de ansiedade (Wallerstein & Lewis, 2004), comportamentos agressivos e condutas desviantes/delinquência (Amato & Keith, 1991; O'Connor et al., 2000; D'Onofrio et al., 2007; Burt et al., 2008; Portnoy, 2008), problemas escolares/sucesso escolar (Amato et al., 1995; Amato & Keith, 1991; Amato, 2001), autoconceito (Amato & Keith, 1991, Amato, 2001), relações sociais (Amato, 2001).

Por outro lado, os estudos tentam compreender que outros factores poderão, juntamente com o divórcio dos pais, potenciar o mau ajustamento das crianças, estudando o nível de 3 conflitos entre os pais pré, durante e após o divórcio (Amato et al., 1995; Amato & Keith, 1991; Amato & Cheadle 2008; Portnoy, 2008), a situação socioeconómica pré, durante e após o divórcio (Amato & Keith, 1991; Portnoy, 2008), o contacto e a qualidade do mesmo com ambos os progenitores (Amato & Keith, 1991; Portnoy, 2008). Vários autores dedicaram-se ainda a comparar as diferenças entre género (Amato & Keith, 1991, Amato, 2001), entre idades das crianças/adolescentes, em que experienciam o divórcio dos progenitores (Henning & Oldham, 1977; Amato & Keith, 1991, Amato, 2001), bem como, a comparar crianças adotadas e crianças não adotadas biológicas, que experienciaram o divórcios dos progenitores, por forma a verificarem as suas diferenças e/ou semelhanças.

Causa do Divórcio

Hoje em dia o divórcio está tão comum, que muitas pessoas se casam já pensando em divorciar caso não gostem de alguma coisa durante o casamento. Claro, divórcio serve para isso mesmo. Mas, não de forma superficial, até porque é um processo lento, de percepção dos problemas, de reflexão sobre o passado, o presente e o futuro de todos os envolvidos. Acontece que muitos casamentos já começam fadados ao divórcio porque durante o namoro já estava claro que a relação não era saudável o suficiente. O casamento deve ser uma conseqüência de um namoro excelente entre duas pessoas que são amigas, se respeitam e se sentem atraídas de várias formas. Com base nesse raciocínio, fica mais fácil compreender quais são os principais motivos que levam tantos casais ao divórcio (Smith, 2008, p.167)

1. A paixão acabou: O que faz duas pessoas começarem a namorar é a paixão. O amor vem surgindo aos poucos, conforme a paixão é alimentada. A paixão é aquele desejo de estar junto, sentir atracção física e emocional, vontade de sorrir ao ver a pessoa amada e vontade de fazê-la sorrir ao olhar para você.

Nem todos os casais se separam quando essa paixão diminui, pois eles a alimentaram tão bem que virou um amor forte e profundo. Mas, muitas pessoas casadas passam a sentir falta daquela sensação de estarem loucamente apaixonadas, e isso é o suficiente para não conseguirem mais conviver com a mesma pessoa.

2. Interesses divergentes:. Um casal pode ser extremamente feliz tendo gostos diferentes. Cada um faz suas actividades e seus trabalhos, depois ficam juntos fazendo coisas

que têm em comum. Mas, muitos casais se casam sem conhecerem verdadeiramente os gostos do outro. Só dentro do casamento vão descobrir que não têm nada em comum.

3. *Falta de comprometimento*: Se casar é se comprometer em participar activamente da vida do outro. Ambos devem contribuir para que a vida do casal evolua e continue a fazer sentido estar junto. O casal deve estipular o que vai ser de responsabilidade de cada um, mas é importante que ambos sintam que estão recebendo o comprometimento do outro em todas as esferas: dando suporte emocional, financeiro, familiar (cuidando dos filhos) e valorizando tudo o que construíram ou estão construindo juntos.

4. *Violência*: A violência pode ser física, psicológica ou moral. Pode ser silenciosa e sufocante. Pode estar bem camuflada entre gestos esporádicos de um amor confuso, disfarçada de protecção. Mas continua sendo violência, e ninguém consegue conviver com isso.

A violência geralmente ocorre por parte do homem, e muitas mulheres que foram criadas em um ambiente violento acabam se casando com homens que já eram violentos durante o namoro por não conhecerem uma forma diferente de serem tratadas. Mas, durante o casamento, sendo a vítima principal e frequente, fica mais difícil suportar. Quando essas mulheres finalmente percebem que isso não é vida, sentem que a única solução é se divorciar.

5. *Revelação de um comportamento tóxico*: quantos casais em fase de divórcio dizem um ao outro: você mudou! Na verdade, não mudou, apenas se revelou. Às vezes nem a pessoa sabia como ela realmente era. Mas, essa revelação pode acontecer por vários motivos.

Entre os motivos estão os problemas financeiros, ter que lidar com alguma doença do parceiro, conhecer novas (más) companhias que estimulam um comportamento tóxico, descobrir uma gravidez indesejada e não se responsabilizar. Tem também quem mude de comportamento depois de ganhar muito dinheiro, de receber uma promoção no trabalho, porque se apaixonou por outra pessoa ou porque desenvolveu vícios.

A pessoa que “mudou” nem sempre percebe que não está mais conectada com seu parceiro e que a relação entre eles deixou de fazer sentido. Às vezes segue com a vida de forma individualista e às vezes sente culpa.

Cabe ao outro esclarecer o que está percebendo e sentindo para que, juntos, decidam pelo divórcio ou se, apesar das diferenças, realmente querem continuar casados e reatarem o que tinham no início.

Principais causas de divórcio

O divórcio pode ocorrer por motivos muito diversos, alguns de ordem social, psicológica, emocional ou jurídica, que estão sempre previstos na lei sobre a matéria. Em alguns casos, eles se submetem à vontade de um juiz, especialmente quando o desejo de divórcio não é compartilhado, mas um dos dois cônjuges exige que o Estado dissolva o casamento (Cardella, 1994,p.87)

Dentre as principais causas podemos citar:

- *Separação dos corpos ou abandono do lar*: isto é, que os dois cônjuges não vivam mais juntos, nem tenham vivido casados, por um tempo mínimo estabelecido por lei (ou que um deles tenha saído definitivamente). Dessa forma, na realidade já se separaram e só precisam de legalização.
- *Acordo mútuo*: quando as duas pessoas simplesmente não querem mais se casar, devido a diferenças irreconciliáveis de personalidade ou cultura, perda de amor ou outras razões emocionais comuns.
- *Adulterio ou coabitação com terceiros*: ou seja, se apesar de casados os cônjuges (ou um deles) estabelecem relações com outras pessoas ou constroem com eles outros núcleos familiares.

- *Agressão ao parceiro*: seja por problemas psicológicos ou psicossociais (vícios, por exemplo), a violência doméstica costuma ser causa de divórcio na maioria dos sistemas jurídicos, pois coloca em risco a vida do cônjuge violado.
- *Bigamia*: isto é, que um cônjuge tenha vários casamentos simultâneos (o que na maioria das ordens jurídicas ocidentais constitui um crime).

Família

A família, em geral, é considerada o fundamento básico e universal das sociedades, por se encontrar em todos os agrupamentos humanos, embora variem as estruturas e o funcionamento. Se, originariamente, a família foi um fenômeno biológico de conservação e produção, transformou-se depois em fenômeno social. Sofreu considerável evolução até regulamentar suas bases conjugais conforme as leis contratuais, normas religiosas e morais. (Barlow, 2008). Toda sociedade humana tem regras que abrangem as relações e a procriação de filhos, situando a criança em determinado grupo de descendência. Todavia, essas regras não são as mesmas em toda a parte. De modo geral, é o casamento que estabelece os fundamentos legais da família, mas pode haver famílias sem casamento. A família, segundo Murdockdessen (2007) é um grupo social caracterizado pela residência comum, com cooperação econômica e reprodução. Para Lucy Mair (1970:96), ela consiste em um grupo doméstico no qual os pais e filhos vivem juntos. Beals e Hoijer (1969:475) definem família como um grupo social cujos membros estão unidos por laços de parentesco, e ou ainda, um grupo de parentes afins e seus descendentes que vivem juntos. A família elementar (nuclear, natal-conjugal, simples, imediata, primária) é uma unidade formada por um homem, sua esposa e seus filhos, que vivem juntos em uma união reconhecida pelos outros membros da sua sociedade. A família constitui a base da estrutura social, onde se originam as relações primárias de parentesco. Todavia, a família elementar é bastante efêmera. À medida que os filhos crescem e deixam o lar, o grupo familiar diminui; eventualmente, pode desaparecer com a morte dos pais.

A família extensa (grande, múltipla) é uma unidade composta de duas ou mais famílias nucleares, ligadas por laços consanguíneos; série de familiares próximos pela linha masculina ou feminina, geralmente não por ambas, e ainda duas ou mais gerações. Uma família extensa é, primeiramente, uma estrutura consanguínea, no sentido de que certos números de parentes consanguíneos estão ligados entre si por deveres e direitos mútuos, reconhecidos. Pode abranger, além da nuclear, avós, tios, sobrinhos, afilhados etc.

Divórcio palavra "divórcio" vem do latim *divortium*, que quer dizer "separação", que por sua vez é derivada de *divertere*, que significa "tomar caminhos opostos, afastar-se". Nesse contexto de significações, entende-se o divórcio como um processo que ocorre no ciclo vital da família, desafiando sua estrutura e sua dinâmica relacional. Conforme Cerveny (2002), a separação do casal não acaba com a família, porém a transforma. Em outras palavras, a estrutura se altera com a dissolução da conjugalidade, embora a família, enquanto organização, se mantenha.

Estruturas familiares

Por estrutura entende-se, “uma forma de organização ou disposição de um número de componentes que se inter-relacionam de maneira específica e recorrente” (Whaley e Wong, 1989; p. 21). Deste modo, a estrutura familiar compõe-se de um conjunto de indivíduos com condições e em posições, socialmente reconhecidas, e com uma interação regular e recorrente também a ela, socialmente aprovada. A família pode então, assumir uma estrutura nuclear ou conjugal, que consiste num homem, numa mulher e nos seus filhos, biológicos ou adotados, habitando num ambiente familiar comum. A estrutura nuclear tem uma grande capacidade de

adaptação, reformulando a sua constituição, quando necessário. Existem também famílias com uma estrutura de pais únicos ou monoparentais, tratando-se de uma variação da estrutura nuclear tradicional devido a fenómenos sociais, como o divórcio, óbito, abandono de lar, ilegitimidade ou adopção de crianças por uma só pessoa. A família ampliada ou extensa (também dita consanguínea) é uma estrutura mais ampla, que consiste na família nuclear, mais os parentes directos ou colaterais, existindo uma extensão das relações entre pais e filhos para avós, pais e netos. Para além destas estruturas, existem também as denominadas famílias alternativas, sendo elas comunitárias e homossexuais. As famílias comunitárias, ao contrário dos sistemas familiares tradicionais, onde a total responsabilidade pela criação e educação das crianças se cinge aos pais e à escola, nestas famílias, o papel dos pais é descentralizado, sendo as crianças da responsabilidade de todos os membros adultos. Nas famílias homossexuais existe uma ligação conjugal ou marital entre duas pessoas do mesmo sexo, que podem incluir crianças adoptadas ou filhos biológicos de um ou ambos os parceiros (Idem). Quanto ao tipo de relações pessoais que se apresentam numa família, Lévi-Strauss (cit. por Pinheiro, 1999), refere três tipos de relação. São elas, a de aliança (casal), a de filiação (pais e filhos) e a de consanguinidade (irmãos). É nesta relação de parentesco, de pessoas que se vinculam pelo casamento ou por uniões sexuais, que se geram os filhos.

Segundo Atkinson e Murray (cit. por Vara, 1996), a família é um sistema social único, composto por um grupo de indivíduos, cada um com um papel atribuído, e embora diferenciados, consubstanciam o funcionamento do sistema como um todo. O conceito de família, ao ser abordado, evoca obrigatoriamente, os conceitos de papéis e funções, como se têm vindo a verificar. Em todas as famílias, independentemente da sociedade, cada membro ocupa determinada posição ou tem determinado estatuto, como por exemplo, marido, mulher, filho ou irmão, sendo orientados por papéis. Papéis estes, que não são mais do que, “as expectativas de comportamento, de obrigações e de direitos que estão associados a uma dada posição na família ou no grupo social” (Duvall; Miller cit. por Stanhope, 1999; p. 502).

Assim sendo, e começando pelos adultos na família, os seus papéis variam muito, tendo Nye (cit. por Stanhope, 1999) considerado como características as seguintes: a “socialização da criança”, relacionada com as actividades contribuintes para o desenvolvimento das capacidades mentais e sociais da criança; os “cuidados às crianças”, tanto físicos como emocionais, perspectivando o seu desenvolvimento saudável; o “papel de suporte familiar”, que inclui a produção e/ ou obtenção de bens e serviços necessários à família; o “papel de encarregados dos assuntos domésticos”, onde estão incluídos os serviços domésticos, que visam o prazer e o conforto dos membros da família; o “papel de manutenção das relações familiares”, relacionado com a manutenção do contacto com parentes e implicando a ajuda em situações de crise; os “papéis sexuais”, relacionado com as relações sexuais entre ambos os parceiros; o “papel terapêutico”, que implica a ajuda e apoio emocional aquando dos problemas familiares; o “papel recreativo”, relacionado com o proporcionar divertimentos à família, visando o relaxamento e desenvolvimento pessoal.

Relativamente aos papéis dos irmãos, estes são promotores e receptores, em simultâneo, do processo de socialização na família, ajudando a estabelecer e manter as normas, promovendo o desenvolvimento da cultura familiar. “Contribuem para a formação da identidade uns dos outros servindo de defensores e protectores, interpretando o mundo exterior, ensinando os outros sobre equidade, formando alianças, discutindo, negociando e ajustando mutuamente os comportamentos uns dos outros” (Idem; p. 502). Há a salientar, relativamente aos papéis atribuídos que, será ideal que exista alguma flexibilidade, assim como, a possibilidade de troca ocasional desses mesmos papéis, aquando, por exemplo, um dos membros não possa desempenhar o seu papel.

Duvall e Miller (cit. por Idem) identificaram como funções familiares, as seguintes: “geradora de afecto”, entre os membros da família; “proporcionadora de segurança e aceitação pessoal”, promovendo um desenvolvimento pessoal natural; “proporcionadora de satisfação e sentimento de utilidade”, através das actividades que satisfazem os membros da família; “asseguradora da continuidade das relações”, proporcionando relações duradouras entre os familiares; “proporcionadora de estabilidade e socialização”, assegurando a continuidade da cultura da sociedade correspondente; “impositora da autoridade e do sentimento do que é correcto”, relacionado com a aprendizagem das regras e normas, direitos e obrigações características das sociedades humanas.

Para além destas funções Esteves (2003) acrescenta ainda uma função relativa à saúde, na medida, em que a família protege a saúde dos seus membros, dando apoio e resposta às necessidades básicas em situações de doença. A família, como uma unidade, desenvolve um sistema de valores, crenças e atitudes face à saúde e doença que são expressas e demonstradas através dos comportamentos de saúde-doença dos seus membros. Para Serpa (1999), a família tem como função primordial a de protecção, tendo sobretudo, potencialidades para dar apoio emocional para a resolução de problemas e conflitos, podendo formar uma barreira defensiva contra agressões externas. Serpa reforça ainda que, a família ajuda a manter a saúde física e mental do indivíduo, por constituir o maior recurso natural para lidar com situações potenciadoras de estresses associadas à vida na comunidade.

Por outro lado, é vital ampliar a capacidade de resistir e crescer a essa situação tão adversa. É importante enfrentar o desafio de tornar mais leve o peso das grandes frustrações e transformar a dor em matéria-prima de aprendizado, combustível para os processos de desenvolvimento. O divórcio legaliza um estado de discórdia entre o casal, leva a uma liberação do clima de disputa e cria novas estruturas de convívio. Quando há existência de filhos a questão pode se complicar já não se trata apenas do fim de uma relação a dois que fracassou, mas também o início da relação de pais divorciados. (Grzybowski 2010).

O divórcio deixou de ser um fenómeno de excepção para tornar-se quase um acontecimento do quotidiano das famílias. Desde sua aprovação no, o número de divórcios tem aumentando gradativamente, e cada vez mais casais buscam essa alternativa para solucionar a insatisfação conjugal (Grzybowski, 2010). Embora a taxa mundial de divórcio se venha elevando constantemente desde a segunda guerra mundial, com breve trégua nos anos cinquenta, os anos setenta viram taxa mais do que duplicada, na proporção de 47 por 1000 pessoas casadas, para 100 por 1000 em 1980. E mais da metade desses casais tinham filhos com menos de dezoito anos de idade. Agora, se calcularmos o número total dos filhos cujos pais são divorciados, a soma dispara para mais de 12 milhões.

Os Efeitos Psicológicos de um Divórcio

Costumam exacerbar em decorrência de graves efeitos de ordem económica, especialmente no caso das mulheres. Essas não costumam carecer de um poder aquisitivo, mas ainda retêm a custódia dos filhos, com custos adicionais. Além de ficarem com a guarda dos filhos acabam arcando com os cuidados do adolescente, a educação, os afazeres domésticos. Diante desta circunstância, muitas mulheres sentem-se sobrecarregadas, visto que as divisões igualitárias dos papéis não acontecem na prática, contribuindo para que ela se veja sozinha nas funções diárias como adolescente. A separação de um casal quando mal conduzida, pode desajustar toda a família e extinguir relacionamentos futuros.

Quando uns dos pais não aceitam a separação, não conseguem desvincular-se do relacionamento o filho fica no meio de uma briga indeterminada, causando muito estresse para esse adolescente, que muitas das vezes sentem pivô da separação. Diante da separação, os filhos têm que enfrentar o medo de também serem separados: perder o contacto com uma das figuras parentais. (Souza e Ramires, 2006, p. 199). O adolescente frente a este facto pode vir ficar muito

ansioso, e se o adolescente não tiver ajuda de alguém pode vir a ficar muito estressado e perder a vontade de fazer algumas coisas que antes eram prazerosas para ele.

Quem se separa é o par amoroso, o casal conjugal. O casal parental continuará para sempre com as funções de cuidar, de proteger e de prover as necessidades materiais e afectivas dos filhos. Costumo afirmar que o pior conflito que os filhos podem vivenciar, na situação da separação dos pais, é o conflito de lealdade exclusiva, quando exigida por um ou por ambos os pais. (Féres-Carneiro, 1998, p.387). Embora os pais estejam passando por um momento difícil é preciso às definições dos papéis que cada um vai ter após a separação. Precisam tomar consciência da necessidade de ajuda e compreensão que os filhos precisam nesse momento. Para que as brigas do casal não influenciem no relacionamento e não venha prejudicar o desenvolvimento de seus filhos. O divórcio é um processo complexo que pode ter consequências emocionais, financeiras e sociais para todas as partes envolvidas. Alguns dos efeitos mais comuns do divórcio incluem:

- *Desestruturação emocional*: O divórcio pode levar a sentimentos de tristeza, raiva, ansiedade, depressão e solidão. Esses sentimentos podem durar por um longo período de tempo e afectar a qualidade de vida das pessoas envolvidas .
- *Rebaixamento na auto-estima*: O divórcio pode afectar a auto-estima das pessoas envolvidas, especialmente se elas se sentirem responsáveis pelo fim do casamento .
- *Problemas financeiros*: O divórcio pode ter um impacto significativo nas finanças das pessoas envolvidas, especialmente se houver disputas sobre a divisão de bens e pensão alimentícia .
- *Problemas de saúde*: O divórcio pode levar a problemas de saúde física e mental, como doenças cardíacas, depressão e ansiedade .
- *Problemas sociais*: O divórcio pode afectar as relações sociais das pessoas envolvidas, especialmente se houver filhos envolvidos. As crianças podem ter dificuldade em lidar com a separação dos pais e podem precisar de ajuda para se ajustar as novas situações .

É importante lembrar que cada situação de divórcio é única e que as consequências podem variar de pessoa para pessoa.

Afectividade

Ao falarmos da natureza da afectividade, falamos também da natureza dos afectos. Como vimos, os afectos são estados passivos do eu. Trata-se de uma qualidade vivencial do indivíduo em relação ao objecto, do tipo de estado em que ele está na vivência actual desse objecto. O objecto pode ser uma coisa, pessoa, acontecimento externo ou algo relativo ao seu corpo o que chamamos de vivências externas - ou mesmo um conteúdo ou acontecimento mental seu sobre o qual ele se reflecte - os quais denominamos de vivências internas. Seja qual for a natureza da vivência, ela sempre contém um afecto (Damásio, 2003, p. 28). A afectividade compreende o estado de ânimo ou humor, os sentimentos, as emoções e as paixões e reflecte sempre a capacidade de experimentar o mundo subjectivamente a afectividade é quem determina a atitude geral da pessoa diante de qualquer experiência vivencial, promove os impulsos motivadores e inibidores, percebe os fatos de maneira agradável ou sofrível, confere uma disposição indiferente ou entusiasmada e determina sentimentos que oscilam entre dois pólos e transitam por infinitos tons entre esses dois pólos, a depressão e a euforia. Directa ou indirectamente a afectividade exerce profunda influência sobre o pensamento e sobre toda a conduta do indivíduo. Assim sendo, os afectos são inerentes às vivências, e não existe vivência sem afecto. Isso faz a diferença entre a vida e a biografia de uma pessoa; a vida é uma sucessão de vivências e a biografia, uma sequência de fatos. Ao viver uma vivência, a pessoa experimenta um estado afectivo intrinsecamente ligado a essa vivência, que é a valoração emocional daquela

vivência. Esse é, então, o afecto integrado à vivência; o afecto é, portanto, uma qualidade vivencial e é, conseqüentemente, o significado emocional daquilo que a pessoa está vivendo naquele momento.

O estado psíquico global com que a pessoa se apresenta e vive reflecte a sua afectividade. Tal como as lentes dos óculos, os filtros da afectividade fazem com que o sol seja percebido com maior ou menor brilho, que a vida tenha perspectivas optimistas ou pessimistas, que o passado seja revivido como um fardo pesado ou, simplesmente, lembrado com suavidade. A afectividade interfere qualitativamente na realidade percebida por cada um de nós, mais precisamente, na representação que cada pessoa tem do mundo, de seu mundo. O estado afectivo tende a impregnar as vivências de significado sentimental. (Damásio, 2003, p. 28).

Podemos pensar na afectividade como o tónus energético capaz de impulsionar o indivíduo para a vida, como uma energia psíquica dirigida ao relacionamento do ser com sua vida, como o humor necessário para valoração das vivências, a afectividade colora com matizes variáveis todo relacionamento do sujeito com o objecto, faz com que os factos sejam percebidos desta ou daquela maneira, e que estimulem este ou aquele sentimento. Afectos são atributos das pessoas que qualificam os objectos do mundo interno e externo seja em relação à unidade - sujeito ou em relação ao eu; os afectos nos permitem dizer: eu estou triste, eu estou alegre, estou interessado, amando, com raiva.

Sofrimento Moral

O sofrimento moral, ou sentimento de menos-valia, é o fenómeno mais marcante e mais desagradável na trajectória do depressivo. é um sentimento de Auto depreciação, autoacusação, inferioridade, incompetência, pecaminosidade, culpa, rejeição, feiura, fraqueza, fragilidade e mais um sem-número de adjectivos auto-pejorativos. Evidentemente, tais sentimentos aparecem em grau variado; desde uma sútil sensação de inferioridade até profundos sentimentos depreciativos. O sofrimento moral deve, ainda, ser considerado como o sintoma mais responsável pelo desfecho suicida das depressões severas. Aparece como uma prova doentia da incompetência do ser, de seu fracasso diante da vida e de sua falência existencial. Enquanto nos estados eufóricos a auto-estima encontra-se patologicamente elevada e as ideias de grandeza proporcionam uma aprazível sensação de bem-estar ao paciente, na depressão, através do sofrimento moral, coloca-se numa das posições mais inferiores entre seus semelhantes. (KANT, 2023)

Apatia (Indiferença Afectiva)

Observações posteriores revelaram que o que se verifica, na realidade, é uma alteração qualitativa dos processos afectivos, tornando os sentimentos inadequados e inteiramente incompreensíveis para as pessoas afectivamente normais. As pessoas se conservam apáticas e indiferentes diante de situações emocionais ou se manifestam alegres diante de acontecimentos que, normalmente, provocam tristeza. Cardella, B. H. P. (1994). Indiferença afectiva e uma completa ausência de "sensibilidade moral" são observadas em certas personalidades anti-sociais (psicopáticas), especialmente esses pacientes "são indivíduos destituídos absolutamente de compaixão, de vergonha, de sentimento de honra, de remorso e de consciência". a indiferença afectiva revelada por certos criminosos habituais pode até conduzir ao erro de considerá-los como esquizofrénicos. Manifestações de indiferença afectiva podem ser também observadas nos transtornos neuróticos. Na depressão o desinteresse pelas coisas do mundo exterior pode conduzir ao erro de considerar esses pacientes semelhantes aos casos de apatia afectiva esquizofrénica.

Sentimentos

Segundo Kurt Schneider, um dos componentes principais do estado de ânimo é o sentimento geral de maior ou menor vitalidade que se encontra ligado a múltiplas sensações dos diferentes órgãos ou regiões do corpo. O afecto (humor) é vivido corporalmente e está unido à própria corporeidade. É exemplo o afecto (humor) eufórico do paciente maniaco, o qual sente o seu próprio corpo como flutuante, infatigável e cheio de vigor, enquanto o depressivo sente-o como apagado, pesado, fraco, decaído e murcho. O estado de ânimo depende consideravelmente das condições vegetativas do organismo e, de modo especial, de uma função que tem o seu centro no diencéfalo, à qual se dá o nome de função atímica. Enquanto o afecto tem uma representação corpórea mais pronunciada, o sentimento aparece como um estado emocional mais atenuado, estável, duradouro e organizado com maior riqueza e complexidade. Kurt Schneider (2007,46) considera os sentimentos como estados do eu que não podem ser controlados pela vontade e que são provocados por nossas representações, pelos estímulos procedentes do mundo exterior ou por alterações sobrevindas no interior do organismo. Uma classificação dos sentimentos com base em sua estratificação foi estabelecida por Max Schiller, que os diferencia em quatro grupos:

- 1) Sentimentos sensoriais;
- 2) Sentimentos vitais;
- 3) Sentimentos anímicos ou psíquicos, considerados como sentimentos do eu;
- 4) Sentimentos espirituais ou da personalidade.

Os sentimentos sensoriais se encontram muito próximos da corporeidade, estão localizados em determinadas partes sensíveis do corpo e se representam tais como a dor e o prazer. Esses sentimentos são mais abrangentes e não devem ser confundidos com as sensações simples dos cinco sentidos. Os sentimentos sensoriais têm algumas características especiais: actualidade, localização e funcionam como sinal de que algo está ocorrendo, não têm duração definida e falta-lhes a intencionalidade, o que não ocorre com os sentimentos superiores. Os sentimentos vitais, tais como o bem-estar e o mal-estar, o sentimento de saúde ou de enfermidade, os sentimentos de vida ascendente ou descendente, a calma e a tensão, a alegria, a tristeza e a angústia não espiritual, pertencem ao organismo como totalidade. Ao contrário dos anteriores, os sentimentos vitais não estão localizados corporalmente, neles existe continuidade, duração e intencionalidade (Max Schiller, 2000).

Os sentimentos anímicos ou psíquicos pertencem ao eu e são formas sentimentais relativas diante do mundo exterior. A tristeza e a alegria intencionais e reactivas são claramente formas de sentimentos anímicos. A pessoa pode tornar-se triste ou alegre em consequência de uma notícia, o que demonstra, neste caso, a participação activa do eu. Os sentimentos anímicos, então, não estão ligados à percepção, mas sim ao sentido, ao significado e representação daquilo que é percebido. Tristeza e alegria são uma modalidade do eu, e são sentimentos vitais, quando provenientes do fundo endotérmico ou afectivo. Por último, os sentimentos espirituais. Trata-se de sentimentos relativos ao núcleo da personalidade e à sua atitude afectiva diante de determinada situação. Esses sentimentos derivam do núcleo de sua personalidade, do próprio eu, e ocasionam o sentido pleno dos sentimentos, assim como as tendências valorativas da pessoa. O desespero, o remorso, a paz, o amor, o arrependimento, o perdão e a serenidade espiritual são exemplos deste sentimento sublime e supremo.

Incontinência Emocional

A incontinência emocional é uma forma de alteração da afectividade que se manifesta pela facilidade com que se produzem as reacções afectivas, acompanhadas de certo grau de incapacidade para inibi-las. Diz Bleuler que a maioria dos pacientes com incontinência emocional domina-se pior que os demais. Tem de ceder diante dos acontecimentos mais

insignificantes, tanto no que se refere a sua expressão como à acção que deles se deriva. Bleuler cita o exemplo de um paciente que não podia jogar cartas porque denunciava seu jogo com a fisionomia. (Bleuler, 2021). A incontinência emocional é um dos sintomas frequentes nas perturbações psíquicas provocadas por lesões orgânicas do cérebro, manifestando-se também em várias psicoses e neuroses. Na arteriosclerose cerebral a incontinência emocional constitui um dos sintomas mais característicos. Nesses casos, os próprios pacientes se queixam de extrema facilidade para emocionar-se, com tendência ao choro fácil, o que não ocorria antes de adoecer. Segundo nágera, a instabilidade afectiva nem sempre se apresenta junto com a incontinência emocional, pois existem pessoas que não podem conter as emoções, embora revelem tenacidade afectiva. (Panksepp, 2018).

Sugestibilidade

Sugestibilidade é uma alteração de ordem tanto afectiva quanto volitiva. Trata-se de uma predisposição psíquica especial que determina uma grande receptividade e submissão às influências estranhas exercidas sobre a pessoa. No terreno puramente psíquico, encontra-se a sugestibilidade nos histéricos, razão pela qual se tornam esses pacientes muito favoráveis à produção de estados hipnóticos, de sintomas somáticos e até mesmo de sintomas psicóticos. Em alguns histéricos a sugestibilidade é exercida tanto no domínio da vida interior (auto-sugestibilidade) quanto em relação ao meio exterior (hétero-sugestibilidade). A sugestibilidade é também muito comum nos estados demenciais, nos quais é uma consequência de insuficiência intelectual. Na demência senil, a sugestibilidade adquire grande significação do ponto de vista médico-legal, em virtude de estarem esses pacientes sujeitos a explorações prejudiciais a seus interesses pessoais, extorsão de dinheiro, captação de herança etc. A sugestibilidade pode ser também observada nos estados de excitação maníaca e nos alcoólatras. No delirium-tremens, por exemplo, podem-se sugerir facilmente várias coisas ao paciente, inclusive as alucinações. Na catatonía, a sugestibilidade é predominantemente motora, razão pela qual será estudada nas alterações da actividade voluntária. (Suza, 2022),

Fobias

O termo fobia é definido como um temor insensato, obsessivo e angustiante, que certos doentes sentem em situações específicas. A característica essencial da fobia consiste no temor patológico, absurdo que escapa à razão e resiste a qualquer espécie de objecção da lógica e da razão. Refere-se a certos objectos, actos ou situações e pode apresentar-se sob os aspectos mais variados. o temor obsessivo aos espaços abertos (agorafobia) ou fechados (claustrofobia), aos contactos humanos ou com animais (cães, ratos), temor de atravessar ruas, de subir ou descer elevadores, de lugares altos etc. A percepção sensorial real, directa e material da coisa ou do ser sobre o qual a fobia se sistematiza não é obrigatória ou necessária ao desencadeamento da reacção ansiosa. Esta pode resultar de representações fotográficas. Apresentam-se as fobias em vários tipos de transtornos neuróticos, particularmente no transtorno fobico-ansioso e em alguns estados psicóticos. (Telles, 2022).

Irritabilidade

A Dye considera a irritabilidade como uma predisposição especial ao desgosto, à ira e ao furor. Os pacientes irritáveis manifestam impaciência e aumento da capacidade de reacção para determinados estímulos e intolerância à frustração, aos ruídos, às aglomerações. Nesses casos, a perturbação consiste no aumento da tonalidade afectiva própria das percepções, tanto que se pode verificar certa contradição na conduta dos doentes, os quais sofrem mais com a falta de

consideração do ambiente do que propriamente com os ruídos produzidos no meio exterior, ou seja, interpretam o ruído mais como uma provocação do que um incómodo acústico. (Dye, 2000). No transtorno explosivo da personalidade o sintoma principal é a irritabilidade. Nesses pacientes existe um grau elevado de reactividade emotiva, unido a uma extraordinária tensão afectiva, que se descarrega sob a forma de reacções de tipo "curto-circuito". Estes surtos são paroxismos coléricos ou furiosos que põem em perigo a vida de pessoas do ambiente e a integridade da propriedade. Esses indivíduos, por exemplo, ouvem uma palavra qualquer e, antes que tenham compreendido o seu verdadeiro sentido, reagem de maneira explosiva, respondendo com insultos ou com actos de violência.

Nos estados de exaltação eufórica, quando os conflitos se tornam inevitáveis em virtude de o paciente manifestar superestimação da própria personalidade e elevação das aspirações, observam-se frequentemente explosões de cólera e irritabilidade. Onde as manifestações de irritabilidade mórbida se tornam mais características é na epilepsia. Bleuler dizia que nos epiléticos existe, frequentemente, uma irritabilidade crónica. Desde o século passado autores de compêndios apontavam para a concordância clínica entre irritabilidade e epilepsia. Legrand do Saulle escreveu que “fora da crise convulsiva, os epiléticos são egoístas, desconfiados, sombrios, irritáveis e coléricos. Um gesto, uns simples olhares bastam para causar-lhes muitas vezes, a mais penosa das impressões, inflamar-lhes a cólera”. Já para Schüle, “o carácter dos epiléticos consiste numa extraordinária irritabilidade mórbida, que rapidamente se transforma em actos impulsivos. São indivíduos caprichosos, desconfiados, excitados contra si mesmos e contra os outros, turbulentos, ora de uma alegria cuja causa muitas vezes ignoram, ora de uma depressão exagerada, agora humildes e com tendências religiosas. Mas logo são orgulhosos, duros maus”.

Foi de Falret o mérito de ter sido o primeiro a destacar as características psicológicas dos epiléticos, fora das crises convulsivas. Em 1861, Falret escreveu que a “irritabilidade constitui o traço dominante dos epiléticos. Esses doentes são geralmente desconfiados, questionadores, predispostos à cólera...” “...irritam-se com grande facilidade pelos motivos mais simples, entregando-se, frequentemente, a actos de violência, instantâneos as mais das vezes, sem provocação nenhuma de parte daqueles que são suas vítimas”. Júlio de matos Fernandes refere-se a esses pacientes como apresentando “uma excessiva irritabilidade, sempre pronta a explodir em cólera, não raro impulsionados à prática das acções mais violentas e cruéis”. Bleuler. (2021).

Angústia

Blaser e Poeldinger estudaram a evolução do conceito de angústia, admitindo que se deve a Kierkegaard a primeira distinção entre temor a um objecto e a angústia, livre e flutuante, desprovida de objecto. Esta distinção foi adoptada por Karl Jaspers, tendo deixado claro o seu conceito ao escrever que a angústia é um sentimento frequente e torturante, e que o medo sempre se refere a alguma coisa, enquanto a angústia é sem objecto. Desde então, esta tem sido a orientação seguida pelos tratadistas, entre os quais se encontra Binder, que desenvolveu amplas considerações no sentido de estabelecer os limites entre medo e angústia. “Se procurarmos estabelecer a diferença entre esses dois estados de ânimo, a introspecção nos mostrará que a vivência afectiva de encontrar-se em perigo aparece em duas modalidades diferentes: em uma forma diferenciada, em que o referido sentimento surge em estruturas psíquicas amplamente configuradas, precisas e determinadas; quando se costuma falar quase sempre da presença de medo ou temor, e em forma mais primitiva, que se designa de modo geral como angústia e que corresponde a estratos psíquicos mais profundos que, com frequência, são menos claramente conscientes e conservam conexões psíquicas mais difusas e

menos articuladas. Alguém teme algo ou sente medo diante de algo, enquanto alguém se angustia, e nestas locuções se expressa que no temor ou no medo do objecto perigoso aparece mais claramente destacado do indivíduo e é percebido, imaginado ou pensado como uma articulação e uma delimitação clara e determinada, enquanto na angústia os processos do conhecimento que a precedem são, frequentemente, muito mais vagos e indiferenciados, características que correspondem a estratos psíquicos mais primitivos”. Karl, (2000).

Sentimentos Negativos: a Raiva e o Ódio Durante a Separação

A Raiva não é ruim apenas devido ao aspecto ético, mas, sobretudo, devido ao seu aspecto clínico.

A Raiva e os problemas cardíacos.

A Raiva de facto mata ou, pelo menos, aumenta significativamente os riscos de ter algum problema sério de saúde, onde se inclui desde uma simples crise alérgica, uma grave úlcera digestiva, até um fulminante ataque cardíaco. Janice Williams acompanhou por seis anos 13.000 homens e mulheres com idade entre 45 e 64 anos e, tomando o comportamento como base, descobriu que as pessoas que se irritam intensamente, e com frequência, têm três vezes mais probabilidades de sofrer um enfarto do que aquelas que encaram as adversidades com mais serenidade (Williams, 2000). Isso ocorre porque, a cada episódio de Raiva, o organismo libera uma carga extra de adrenalina no sangue (veja o que acontece nas Supra-renais durante o estresse). O aumento da concentração de adrenalina aumenta o número de batimentos cardíacos e, simultaneamente, torna mais estreitos os vasos sanguíneos, o que aumenta a pressão arterial. A repetição desses episódios pode gerar dois problemas em geral associados ao enfarto; alteração do ritmo cardíaco (arritmia), aumento da pressão arterial e uma súbita dilatação das placas de gordura que, porventura, estejam nas artérias.

METODOLOGIA

Tipo de pesquisa.

Para atender os objectivos será realizado um estudo de caso descritivo explorativo.

Segundo Santos (2013), o tipo de pesquisa descritivo explorativo, tem como objectivo descrever os fenómenos sem interferência do pesquisador. Neste tipo de pesquisa utilizaremos o estudo de caso na intenção de explorar os dados observados e obtidos através das entrevistas, observações e questionários.

A população e amostra.

É o conjunto de elementos que apresentam características semelhantes que se pretende estudar ou conhecer, segundo (Alvarenga, 2012). No presente estudo a nossa população de 41 casais que corresponde 82 elementos.

Uma amostra é a menor parte do total, ou seja, um subconjunto de toda a população segundo (Ismael Longhi). A amostra em estudo. Foram entrevistados 30 casais correspondentes a 60 pessoas de uma população.

Distribuição dos dados da pesquisa segundo Resumo da Caracterização sócio demográfica

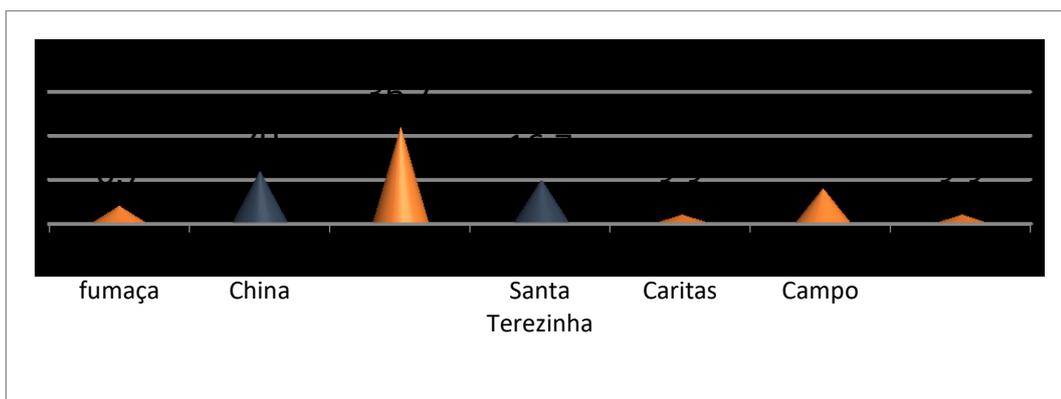
		Número	%
IDADE	18 – 25	11	18,3%
	26 – 35	33	55%
	36-45	10	16,7%
	Mais de 46	6	10%
GÊNERO	Feminino	30	50%
	Masculino	30	50%
GRAU DE ESCOLARIDADE	Sem Instrução	18	30%
	Ensino Primário	2	3,3%
	Primeiro Ciclo	20	33,3%
	Segundo Ciclo	8	13,3
	Ensino Médio	1	1,7
	Ensino Superior	1	1,7

Fonte: Inquérito

Historial Sobre a Unidade Orgânica

O nosso estudo foi feito no Bairro Avô Kumbi localizado, em Luanda, município de Kilamba Kiaxi, Folf 1. O distrito do Kilamba Kiaxe é um subúrbio situado perto do subúrbio Kassequel e Bairro Neves Bendinha (ex Bairro Popular). A comuna-sede de Quilamba Quiaxi, que é subdividida nos distritos urbanos do Golfe, Palanca, Vila Estoril e Sapú, limita-se ao oeste com o distrito urbano da Maianga, ao norte com o distrito urbano do Rangel e com o município do Cazenga, a leste o município de Viana e a sul com o município de Talatona. Atendendo o facto de na localidade haver maior incidência de divórcios entre casais, provocou o espanto para esta pesquisa. Discorremos varias artérias do referido bairro e fomos sucedidos com a informação necessária para esta pesquisa. Certo que a pesquisa científica garante a credibilidade empírica dos factos vividos, tão ogo que nossa amostra foi favorável para e referida exploração, conforme nossa justificativa.

Gráfico 1 - Distribuição dos dados da pesquisa segundo o bairro ou morada



Fonte: Inquérito

Tabela 1 - Distribuição dos dados da pesquisa segundo o bairro ou morada

Bairro	Frequência	percentagem%
Rua da fumassa	4	6.7
Rua da China	12	20
Rua do Bar	22	36.7
Rua da Santa Terezinha	10	16.7
Rua das Caritas	2	3.3
Rua do Campo	8	13.3
Rua F	2	3.3
Total	60	100

Fonte: Inquérito

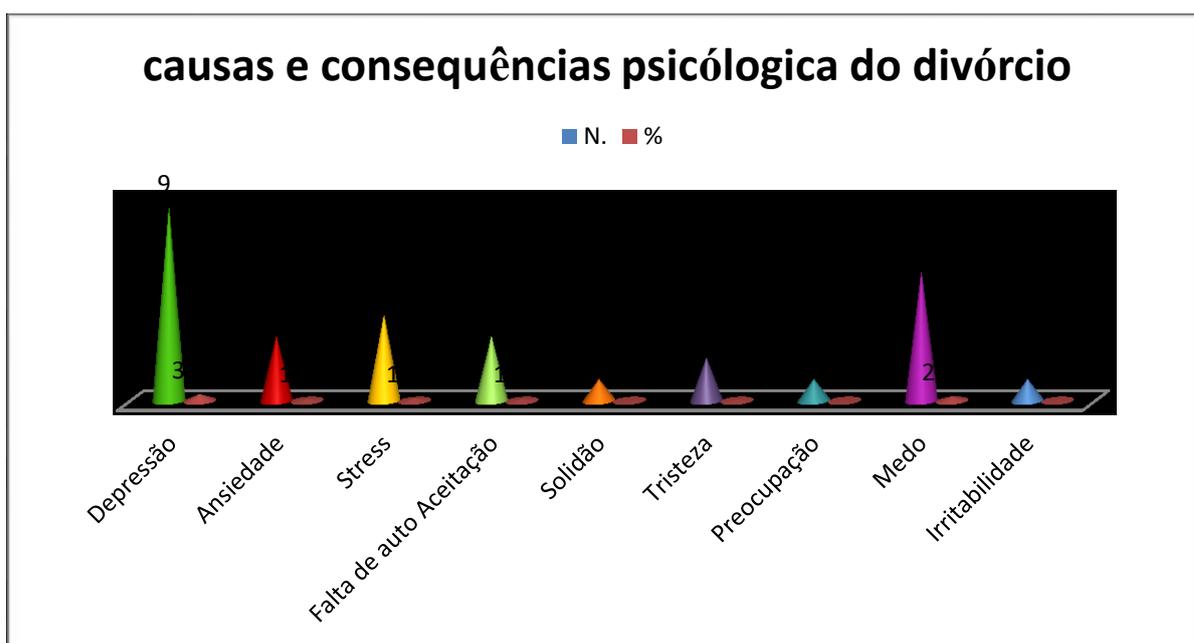
Dos parceiros inqueridos podemos ver que a maior prevalência correspondente a 36.7% moram na rua do Bar, seguidos de 20% residentes na rua da China.

Tabela 2 - Quais são as causas e conseqüências Psicológicas do divórcios em parceiros casados a menos de um ano?

causas e conseqüências Psicológicas do divórcios	Número	Percentagem
Depressão	9	30%
Ansiedade	3	10%
Estresse	4	14%
Falta de auto aceitação	3	10%
Solidão	1	3%
Tristeza	2	7%

Preocupação	1	3%
Medo	6	20%
Irritabilidade	1	3%
Total	30	100%

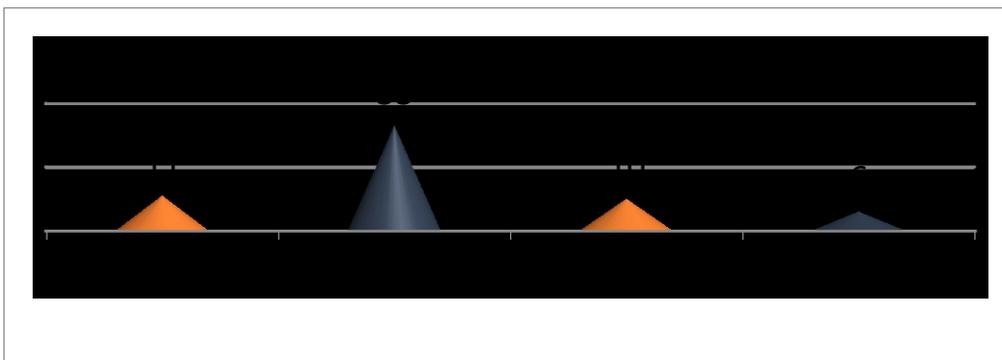
Gráfico 2 -: *Quais são as causas e consequências Psicológicas dos divórcios em parceiros casados a menos de um ano?*



Fonte: Inquérito

Segundo o gráfico e tabela, acima revela que as causas e consequências do divórcio são: a depressão com uma percentagem de 30%, ao passo que ansiedade e Falta de auto aceitação com 10% . Segundo Almeida (2003) e Frange (2008), defendem que o divórcio pode apresentar casos de ansiedade, depressão, baixa auto-estima, tendências ao suicídio, isolamento, auto-descriminação, bem como alterações corporais, complicações no percurso escolar, profissional comprometido, variabilidade comportamental, e instabilidade emocional.

Gráfico 3 - Com que Idade Começou o Namoro?



Fonte: Inquérito

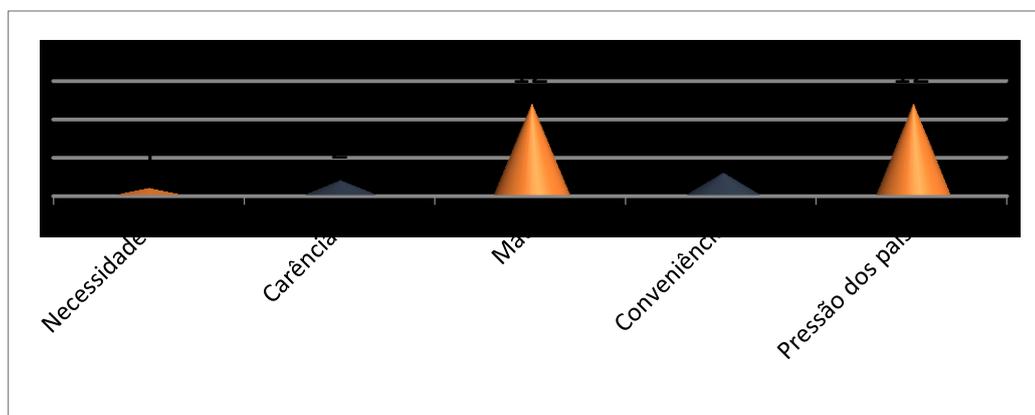
Tabela 3 Tabela 3 - Com que Idade começou o Namoro?

Idade de começo	Número	Frequência %
15 a 17	7	11.7
18 a 25	39	65
26 a 35	7	11.7
36 a 45	6	10
Mais de 46	1	1.7
Total	60	100

Fonte: **Inquérito**

A idade de começo do namoro foi um aspecto importante a ter em conta entre os parceiros, podemos ver que 65% dos parceiros começaram a namorar com idades entre 18 – 25 anos. Segundo Fisher propõe que o amor romântico é um sistema **evolutivo** que foi moldado ao longo do tempo para garantir a formação de laços duradouros entre parceiros, contribuindo para a reprodução e a sobrevivência da espécie.

Gráfico 4 – Que Sentimentos te Motivaram esse Namoro?



Fonte: Inquérito

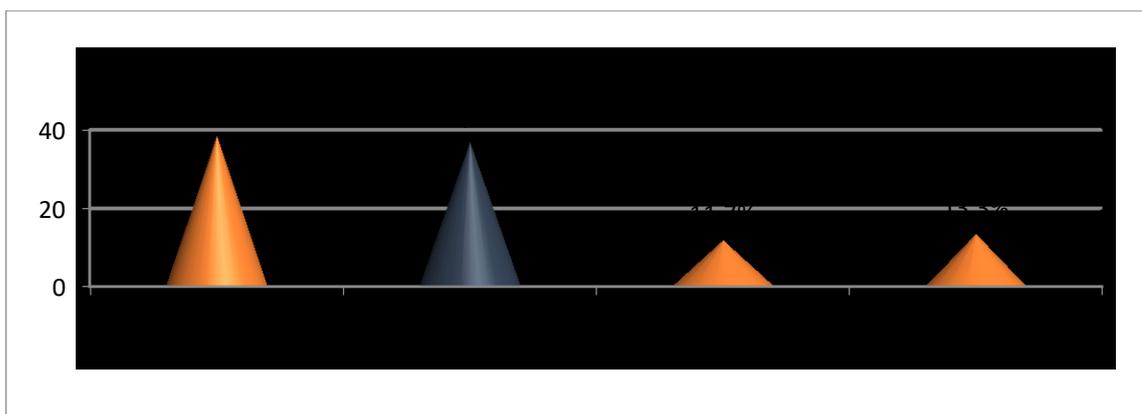
Tabela 4 - Que Sentimentos te Motivaram esse Namoro?

Sentimentos	#	%
Amor	30	50
Necessidades materiais	1	1.7
Carências afectivas familiares	2	3.3
Mau relacionamento com os pais	12	20
Conveniência	3	5
Pressão dos pais	12	20
Total	60	100

Fonte: Inquérito

Entre os sentimentos que motivaram esse namoro 50% foram determinados por amor, seguidos de mau relacionamento com os pais e pressão dos pais em 20% da amostra.

Gráfico 5 - Quanto Tempo tem de Casada?



Fonte: Inquérito

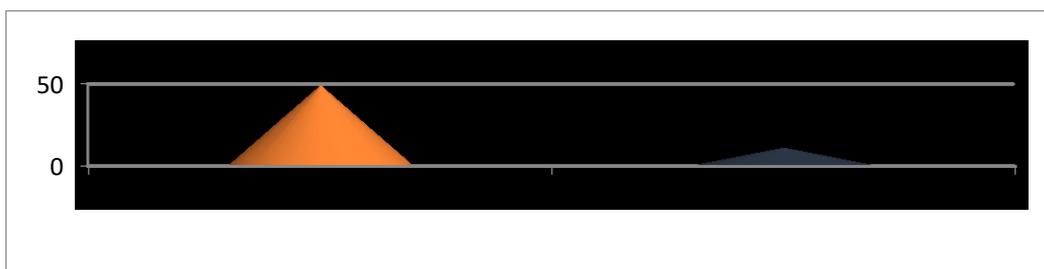
Tabela 5 - Quanto Tempo tem de Casada?

Tempo tem de casada	#	%
1 a 6 Meses	23	38.3
6 a 12 Meses	22	36.7
1 a 2 anos	7	11.7
Mais de 2 anos	8	13.3
Total	60	100

Fonte: Inquérito

Da amostra inquerida 38.3% tem de um a seis meses de casada, 36.7% tem de seis a doze anos de casamento, 11.7% tem de um a dois anos de casada e 13.3% tem mais de dois anos de casamento.

Gráfico 6 - Será que o Casamento foi de Mútuo Acordo?



Fonte: Inquérito

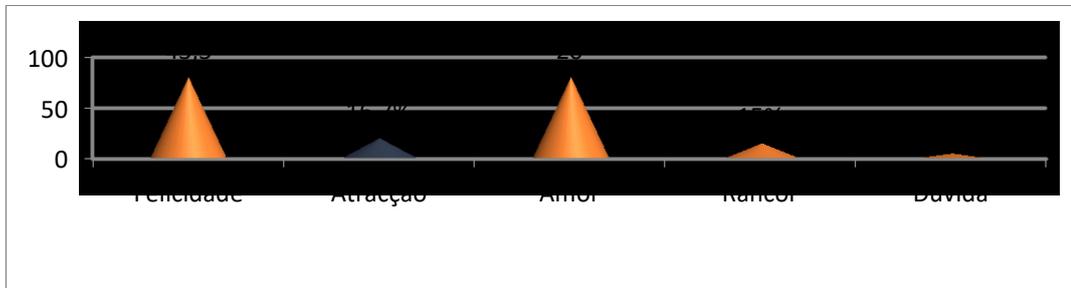
Tabela 6 - Será que o Casamento foi de Mútuo Acordo?

Casamento foi de mútuo acordo	#	%
Sim	49	81,7
Não	11	18,3
Total	60	100

Fonte: Inquérito

Da amostra estudada vemos que 81,7% realizaram casamento de mútuo acordo, frente a 18,3% que não concordaram no casamento.

Gráfico 7 – Quais os Sentimentos que Estiveram Presentes nos Primeiros anos de casada?



Fonte: Inquérito

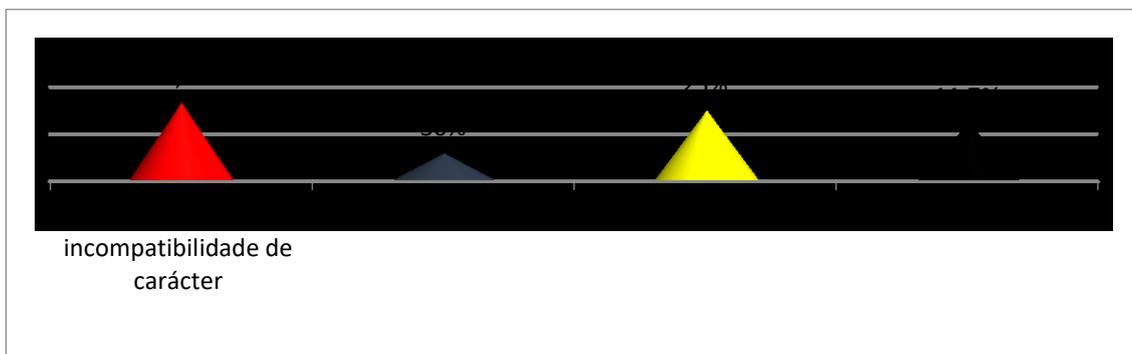
Tabela 7 – Quais os Sentimentos que Estiveram Presentes nos Primeiros anos de casada?

Sentimentos que estiveram presentes	#	%
Felicidade	26	43,3
Atracção	10	16,7
Amor	12	20
Rancor	9	15
Dúvida	3	5
Total	60	100

Fonte: Inquérito

Os sentimentos que estiveram presentes nos primeiros anos de casada constituem um importante indicador para os anos restantes no casamento, por isso na amostra estudada podemos ver que o sentimento de amor e felicidade prevaleceram a 43,3% dos parceiros, seguidos de atracção com uma representação de 16,7% e sentimentos de rancor com 15%.

Gráfico 8 - Quais são os sinais primários mas frequente dos membros envolvidos na separação?



Fonte: Inquérito

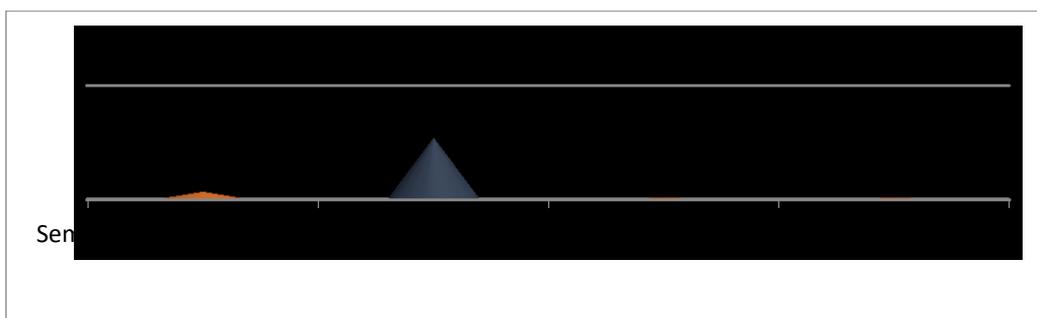
Tabela 8 - Quais são os sinais primários mas frequente dos membros envolvidos na separação ?

Sinais mais frequentes	#	%
Brigas por incompatibilidade de carácter	20	33.3
Infidelidade	15	25
Infertilidade	18	30
Problemas familiares	7	11.7
Total	60	100

Fonte: Inquérito

Da amostra 25% manifestou infidelidade, 30% infertilidade, 33.3% por brigas motivadas por a incompatibilidade de carácter, 11.7% por problemas familiares.

Gráfico 9 - Com que Frequência Costumam Brigar?



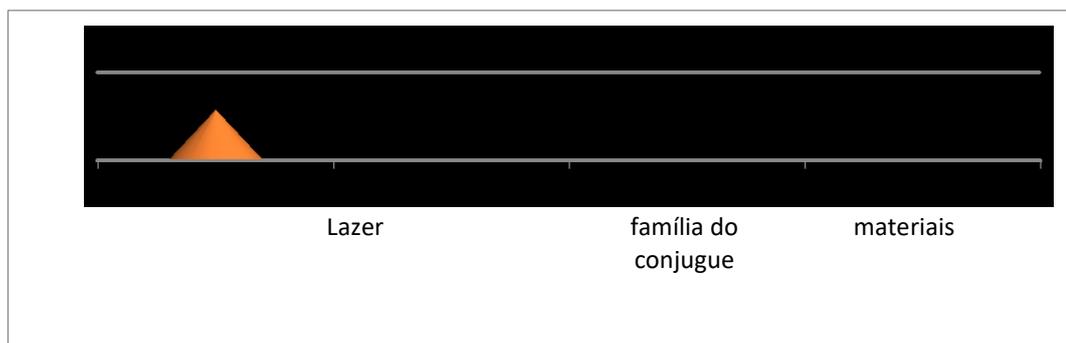
Fonte: Inquérito

Tabela 9 - Com que Frequência Costumam Brigar?

Frequências das brigas	#	%
Semanalmente	4	6.6
Diariamente	54	90
Mensalmente	1	1.7
Esporadicamente	1	1.7
Total	60	100

Fonte: Inquérito

Dos parceiros inqueridos podemos ressaltar que 90% costumam brigar com uma frequência diária, 6.6% brigam semanalmente 1.7% brigam mensal ou de forma esporádica respectivamente.

Gráfico 10 - Quais são os Motivos das Brigas?

Fonte: Inquérito

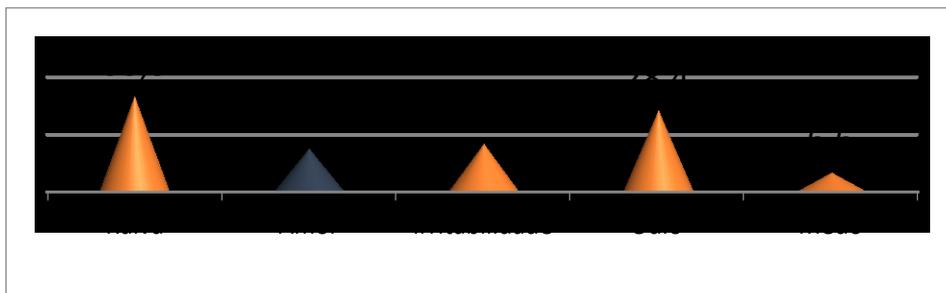
Tabela 10 - Quais são os Motivos das Brigas?

Motivos das brigas	#	%
Dinheiro	57	95
Necessidades de Lazer	1	1.7
Problemas com a família do conjugue	1	17
Necessidades materiais	1	1.7
Total	60	100

Fonte: Inquérito

Dos motivos das brigas mais relevantes vemos que o dinheiro representou 95% das causas, de igual forma 1.7% dos parceiros da amostra apontaram como causas das brigas as necessidades de lazer, problemas com a família do conjugue e necessidades familiares.

Gráfico 11 - Quais são os sinais primários após a separação ?



Fonte: Inquérito

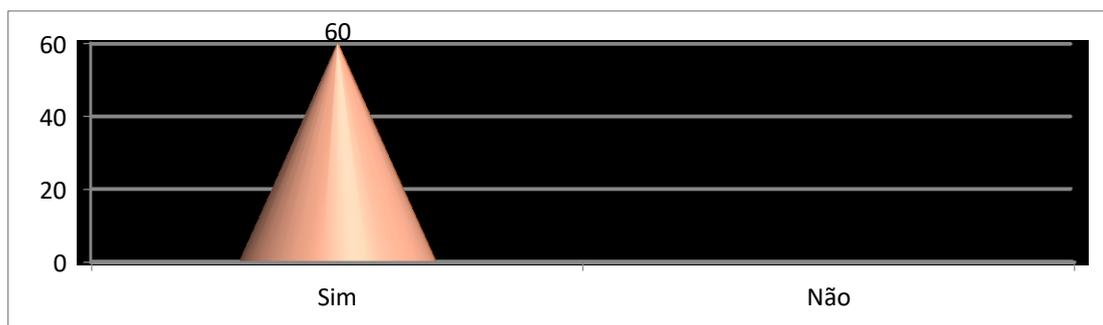
Tabela 11 - Quais são os sinais primários após a separação?

Sinais	#	%
Raiva	20	33.3
Amor	9	15
Irritabilidade	10	16.7
Ódio	17	28.4
Medo	4	6.6
Total	60	100

Fonte: Inquérito

Dos sentimentos experimentados pelos parceiros temos que a irritabilidade manifestasse num 16.7% dos parceiros, a raiva ocupa 33.3%, seguidos do sentimento de ódio com uma percentagem de 28.4%, Podemos ver que do total dos parceiros inqueridos 96.7% manifestam estarem a experimentar uma separação não pacífica, frente a uma separação esta a decorrer pacificamente.

Gráfico 12 - A Separação esta Afectar os filhos?



Fonte: Inquérito

Tabela 12 - A Separação esta Afectar os filhos?

Afecta aos filhos	#	%
Sim	60	100
Não	0	0
Total	60	100

Fonte: Inquérito

A preocupação dos parceiros pela consequência que a separação traz para os filhos foi motivo de estudo e podemos apontar que 100% deles manifestam que a separação afecta aos descendentes. Aqui as consequências podem ser mais ou menos bloqueadoras do funcionamento familiar e individual, conforme os envolvidos encaram a crise. Os cônjuges encontram-se vulneráveis, principalmente aquele que não desejou a separação e podem surgir sintomas físicos e psicológicos como perturbações do sono, alterações ponderais, disfunção sexual, apatia, abuso de álcool, tabaco ou outras substâncias. Nos filhos se houver, podem surgir, reactivamente, agitação, queixas psicossomáticas, e diminuição do rendimento escolar. Este período é frequentemente marcado pela ambivalência perante a quebra dos vínculos.

CONCLUSÕES

A maior parte dos parceiros moram em Avó Kumbi, tem um grau de escolaridade do primeiro ciclo começaram a namorar entre 18 – 25 anos. Mais da metade dos parceiros se uniram por amor mútuo e de mútuo acordo. Um dos factores que pode chegar a influenciar nos relacionamentos em vias de separação e que um deles não mantém relações com as famílias do parceiro, encontrando-se estreitamente vinculado ao facto de que não houve em muitos casos o casamento tradicional marcado pelo pedido. Para atenuar esta situação propomos incentivar a capacidade de adaptação de indivíduos a solução de conflitos familiares, educando os valores de independência, tolerância e colaboração mútua, lidar com sentimentos afectivamente opostos, canalizando suas possíveis energias de maneira que o mesmo objecto, em dois momentos diferentes e próximos, possam adquirir um significado afectivo oposto, sem deixar de ser exactamente o mesmo objecto.

Podemos concluir que a nossa hipótese se confirma chegando ao acordo que em separações conflituosas, não pedidas, com dificuldades de relacionamento inter - familiar, infidelidade, e com brigas diárias surge a raiva como resposta aos conflitos conjugais provocando uma relativa mudança entre os sentimentos de amor-ódio. Por isso e de especial interesse. Os nossos objectivos foram alcançados vistos que as consequências psicológicas que leva a separação são: a depressão com uma percentagem de 30%, estresse com 14%, ansiedade e Falta de auto aceitação com 10%, ao passo que solidariedade e irritabilidade com 3%. Para os sintomas primários após a separação conjugal temos Brigas por incompatibilidade de carácter com 33,5, infidelidade com 25% e infertilidade com 30%.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBEY, A; E. Smith AND R.O. Scott. (1993) : "*Casamento versus Divórcio*". Rev. Addict. Behav. 18.
- AFONSO e AGOSTINHO (2007), *Metodologia; A técnica de entrevista observação, grelha de observação como instrumento de pesquisa*. São Paulo. Editora. Atlas
- ALMEIDA, J. M. R. (2003). *Adolescência e maternidade*. 2. ed. São Paulo: Ed. Lisboa.
- ANDRADE, J. P. (2010) "*A Família e o Divórcio em Angola*" Editora: Universidade Agostinho Neto
- ALVARENGA (2012, p. 899) *O sexual, suas mensagens e traduções*. Revista Percurso, 13(2), 83-93.
- AMATO & KEITH,(1991) *Entrevista Motivacional: Preparando as Pessoas para a Mudança de Comportamentos Aditivos*. Editora Artmed. São Paulo.
- AMATO & KEITH, (2002), *Relações Sociais* Editora Artmed. São Paulo.
- ATKINSON e MURRAY, (cit. por VARA, 1996), *Elaborações temáticas: Sedução, perseguição e revelação*. Revista Brasileira de Psicanálise, 27(4), 751-782.
- ATKINSON, R.L; ATKINSON, R. C; Smith, E; BEM, D. J. & HOEKSEMA, S. N. (2002). *Introdução à Psicologia de Hilgard*, 13ª Edição, Editora Artmed, Porto Alegre.
- BARLOW, D. H. & DURAND, V. M. (2008), *Psicopatologia: Uma abordagem integrada*, Tradução da 4ª edição, Cengage Learning.
- BECK, J. S. *Terapia cognitiva: Teoria e prática*. , (1997)Porto Alegre: Artes Médicas, 1997
- BROWN, 2009; Jolivet, 2011) *Novos fundamentos para a psicanálise*. Lisboa, Portugal: Edições 70. (Originalmente publicado em 1987).
- BEALS e HOIJEr (1969:475), *Intervenção psicológica no ensino superior: efeito da psicoterapia no rendimento académico*. Editora Artmed.
- BURT; Michael P., and Richard C. Schwartz.(2008) *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos*. Artmed Editora,
- BLEUR, EUGEN (2021)Teoria da Esquizofrenia" (Reedição e Tradução de 2021), Editora: Editora Casa do Psicólogo, Tradução: Tradução de Célia Aparecida Ferreira.**
- CABRAL, A & NICK.E, (2006). *Dicionário Técnico de Psicologia*, 14ª edição, Editora Cultrix, São Paulo.
- CERVENY (2002), *Separação litigiosa, na "esquina" do direito com a psicanálise*. Revista da AJURIS, 76(26), 233.
- CHEADLE ; F., Santos, I. & Lima, RC. (2008). *Associação de eventos de vida produtores de estresse e mal-estar psicológico: um estudo de base populacional*. Cadernos de Saúde Pública, 20(1): 249-258
- CALABRESE, (2000). *Da transferência: Sua provocação pelo analista*. Revista Percurso, 6(10), 73-82.
- CORDIOLI, A. & ORGS (2008) *Psicoterapias: abordagens actuais*. 3ª ed. Porto.
- CARDELLA, B. H. P. (1994) *O Amor na Relação Terapêutica: uma visão gestáltica*. São Paulo: Summus.
- COLL SALVADOR, César, MIRAS MESTRES, Mariana, ONRUBIA GOÑI, Javier & SOLLÉ GALLAR, Isabel, (1999), *Psicologia da Educação*, Artmed, São Paulo.
- DOLTO, F. (1998) *Quando os pais se separam*. Disponível em: http://www.escolavesper.com.br/stress_infantil.htm, Acesso em 08/01/11.
- DYE. M. (2000) *Adaptação Social em Situação de Crise*. Artmed, São Paulo
- DSM V (213,p.165) *Manual Diagnóstico y Estadístico de los Trastornos Mentales TR*.Barcelona: Masson.
- DAMÁSIO 2003, p. 28 *Emoções como "ações ou movimentos"* (3ª ed). Coimbra: Quarteto Editora.

- DUVALL; M, STANHOPE, 1999; p. 502 *Terapia Familiar Conceitos e Métodos*. Ed 7ª. São Paulo.
- D'ONOFRIO, H (2007) *sintomas depressivos e de ansiedade* ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,
- ELIAS, G. P. G. (2007): *uma proposta psicoterápica para crianças*. Revista do VII Encontro Goiano de Abordagem Gestáltica.
- ESTEVES, J. R. (2003). *Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que vivem tal experiência*, São Paulo: UFES
- FRANGE, P. (2008). *Gravidez precoce*. A voz do vereador Paulo Frange. Disponível em: <http://paulofrange.blogspot.com/2009/02/gravidez-precoce.html>. Acesso em: 06.10.2011.
- FÉRES-CARNEIRO, Ana M. Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, M. de Lourdes. (1998 p.387). *Psicologias - uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva,
- FERNANDEZ LLANOS, L (1995): *Estresse e estilos de Afrontamento em sujeitos. Trabalho de Diploma*. Faculdade de Psicologia. Universidad de LaHabana.
- GIUSTI, E. (1987) *A Arte de Separar-se*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GOLDMAN, H. (1996): *Psiquiatria General*. 3ª edición. Editorial EII Manual Moderno. México, D.F.
- GRZYBOWSKI, SORAYA. (2007) *A intervenção do psicólogo escolar na parceria família-escola de Aragão Publicado no Psicologia.pt* a: 2015-10-05
- 37 GIL, ANTONIO CARLOS (2002): *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social* Ano da 6ª edição: Editora: Atlas
- GOTTMAN, J.M** (2017) "*Os Sete Princípios para o Casamento Dar Certo*" **Editora:** BestSeller
- 39 GIDDENS, ANTHONY. (2021): Sociologia Editora: Polity Press, 2021 (última edição)
- HENNING & OLDHAM, (1977) *Problemáticas V: A tina: A transcendência da transferência*. São Paulo: Martins Fontes.
- HEITLER, SUSAN**(2005) "*poder de dois, segredos para um forte e amoroso casamento*" .
- IZARD e ACKERMANÉ (2004) *Terapia conjugal: uma intervenção com três pacientes em simultâneo*. *Boletim psicologia*, 9 (V), 14-15.
- JOLIVET, 2011 *Histeria e psicanálise depois de Freud*. Campinas, SP: Unicamp.
- LAZARUS RL, F. S. (1986): *Estresse e os Processos Cognitivos*. Barcelona: Editorial Martínez Roca.
- LAZARUS, R. S. (1988) "*Vulnerabilidad y resistencias individuales al estrés psíquico*". En Kalimo, R. et al. Los Factores Psicosociales en el Trabajo. Organización Mundial de la Salud.
- LAKATOS, E. M (2001) , *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.
- LÉVI-STRAUSS (cit. por PINHEIRO, 1999), *Factores Asociados aos Problemas de Saúde Mental em Adolescentes*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23(3): 287-294
- LUCY MAIR (1970:96), *Da transferência: Sua provocação pelo analista*. *Revista Percurso*, 6(10), 73-82
- LIPP, M. E. N. (1991), *Crianças Estressadas: causas, sintomas e soluções*. Campinas: Papirus.
- LIPP, Marilda E. N.(2003), *As Psicoterapias: Modelos, Métodos e Indicações*. , 2ª Edição, Editora Papirus, Campinas.
- LAKATOS, E. M (1985) , *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.
- MALDONADO, M. T.(1986), *Casamento: término e reconstrução*. Petrópolis: Vozes.